

NELSON RODRIGUES E O MITO DO FUTEBOL

Luiz Zanin

Acontece algo curioso em relação à obra de reflexão futebolística de Nelson Rodrigues. Primeiro, ele é o nosso patrono, de todos nós, que tentamos escrever sobre futebol no Brasil. Mas, apesar de ser nosso patrono, ou seja, aquele que estilisticamente mais bem se expressou, e com mais profundidade, não podemos nos dar ao luxo de imitá-lo. Sob pena de cairmos no ridículo. Por outro lado, não podemos nos furtar à sua influência. Ou seja, Nelson nos coloca numa saia justa permanente. Não podemos segui-lo de maneira cega e nem podemos fazer de conta que não existiu. Ele pode (e deve) ser fonte de inspiração, mas nunca devemos mimetizá-lo. Isso em função de uma “assinatura” reconhecidamente forte, isto é, um estilo que se reconhece de pronto, lendo-se poucas frases. Sabemos de cara que é Nelson, mesmo que eventualmente não conheçamos o texto em questão.

Da mesma forma, sabemos quando se trata de uma contrafação. Nelson é inimitável.

Nesse estilo, predomina uma figura de linguagem, a hipérbole, que em qualquer outro autor pareceria ridículo, mas, em Nelson, soa de forma magnífica. Como acordes sinfônicos. Assim, Nelson não diz que a derrota do Brasil para o Uruguai na Copa de 1950 foi terrível, porque soaria fraco. Ele diz que a derrota foi uma tragédia pior que Canudos. Mais: foi a nossa Hiroshima. Lemos essas frases e elas produzem um efeito cômico, pelo destempero. Mas também nos encantam por seu sabor. E pela verdade que entrevemos em meio a um exagero que tem função expressiva. Além das hipérboles, marcam o estilo de Nelson o uso inesperado de adjetivos (deslocamento próximo ao da função poética) e o ar mítico, transcendente, que envolve seus relatos, tirando-os assim do ramerrão referencial e pedestre da crônica esportiva e colocando-os em patamar superior. Por isso esses textos nos conduzem, a nós que não vivenciamos o trauma, para o centro da tragédia que foi a perda da copa

LUIZ ZANIN
é colunista e crítico de cinema do jornal *O Estado de S. Paulo* e autor de, entre outros, *Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil* (Imprensa Oficial).



Alexandre Camanho

realizada no Brasil. Para além do estilo (mas ele está sempre lá), a derrota para o Uruguai fornece a Nelson a matriz através da qual ele usará o futebol como mediação para compreender o país e o homem brasileiro.

Suas crônicas sobre 1950 generalizam para o homem brasileiro o que teria acontecido naquela célebre partida. Recordemos os fatos. O Brasil precisava apenas de um empate para se sagrar campeão. Todos já o davam como vencedor, por antecipação. Num Maracanã lotado (fala-se em mais de 200 mil pessoas), a seleção marcou o primeiro gol, mas sofreu o empate e, por fim, o gol de Gigghia, que deu o título aos uruguaios.

Nesse jogo cercado de mitos, existe um nunca comprovado – o tapa que o uruguaio Obdulio Varela teria dado no brasileiro Bigode, deixando-o desmoralizado para o resto do jogo. Alguns falam apenas em ameaça de tapa, um mero gesto de agressão. Intimidado, Bigode, que era o marcador de Gigghia, deixou-o penetrar na defesa brasileira e disparar no canto esquerdo baixo do goleiro Barbosa – o outro bode expiatório da derrota. Ambos negros, aliás.

Esse título perdido foi (e talvez ainda seja, em parte) objeto de ruminação incessante. Vários livros foram escritos sobre o tema, entre eles o clássico *Anatomia de uma Derrota*, de Paulo Perdigão, e *Dossiê 50*, de Geneton Moraes Neto, tentando interpretar a derrota que veio no lugar da vitória dada como certa. Nelson não escreveu livro a respeito. Mas abordou o jogo em inúmeras crônicas. Mesmo porque essa partida seria expressão suprema de um dos seus conceitos mais famosos – o complexo de vira-latas do brasileiro. Seu sentimento de inferioridade e a humildade reverencial diante dos estrangeiros, seres que ele considera superiores.

Na crônica que tem exatamente esse título, “Complexo de Vira-latas” (*Manchete Esportiva*, 31/5/1958), Nelson escreve: “Eis a verdade, amigos: – desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação na-

cional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse ‘arrancou’ como poderia dizer: – ‘extraíu’ de nós o título como se fosse um dente”. Mais adiante: “E, hoje, se negamos o escore de 58, não tenhamos dúvida: – é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: – o pânico de uma nova e irremediável desilusão”.

A crônica data de maio de 1958, pouco tempo antes de o Brasil embarcar para a Suécia em busca daquela que seria a sua primeira conquista de uma copa. Desacreditada, a seleção saiu do país debaixo de vaias.

Nelson tinha um pressuposto – o futebol brasileiro seria o melhor do mundo e venceria sempre que o complexo de vira-latas não prejudicasse seu desempenho. Nacionalista, traçava um raciocínio pendular entre o futebol e a nação brasileira como um todo. Papel especial nessa equação, a seleção brasileira que ele, em expressão tornada lugar-comum, batizou de “a pátria de chuteiras”. A seleção seria a imagem do país em campo. Levava para o gramado as nossas virtudes e os nossos defeitos. A nossa inventividade, mas, também, o tão temido “complexo”.

Essa formação sociopsíquica, digamos assim, se deveria mais à nossa formação de caráter do que a influências externas. Desse modo, o próprio brasileiro seria o responsável último por suas inibições. E vencer essas inibições estaria perfeitamente ao seu alcance. Dependia apenas de ele deixar de ser esse “Narciso às avessas, que cospe em sua própria imagem”. Daí que as Copas do Mundo se transformassem em campos de batalha simbólicos, nos quais, de quatro em quatro anos, se decidia uma questão nacional a ser formulada da seguinte maneira: como nos colocamos diante do mundo? Somos uma nação original e pode-

rosa, ou uns vira-latas complexados, sem qualquer contribuição a dar à humanidade?

Duas observações podem ser feitas a esse respeito:

1) O ritual das copas, com seus hinos, bandeiras, etc., autoriza essa leitura nacionalista dos jogos. As partidas, e a disputa em si, seriam embates bélicos sublimados no campo lúdico. Um jogo não é apenas um jogo, mas uma luta entre duas identidades nacionais. Uma seleção forte expressaria uma nação forte, mas, dialeticamente, uma seleção vencedora tornaria ainda mais forte a nação que representa. Daí a concepção embutida nas crônicas de Nelson do poder transformador do futebol. Uma vitória na Copa poderia nos levantar dos porões do mundo subdesenvolvido e levar-nos ao destino de grandeza que seria o nosso.

2) A busca do estilo futebolístico autenticamente brasileiro pode ser entendida não apenas como uma fixação de Nelson Rodrigues, mas como desdobramento de uma série de ideias presentes em nossa cultura pelo menos desde o modernismo. São teses recorrentes, que vêm desde a antropofagia oswaldiana, passando pelas ideias mais recentes da formação da literatura brasileira, de Antonio Candido, e do cinema nacional, de Paulo Emilio Salles Gomes. A ideia de que temos uma cultura a construir.

Desse modo, o futebol expressaria e faria parte desse esforço de formação de uma identidade nacional. A sua vitalidade interna e a dos nossos campeonatos, em particular a do Campeonato Carioca, que Nelson acompanhava de perto, já atestavam a originalidade e a força dessa modalidade cultural que é o futebol. Bastava comprovar esse poderio no cenário internacional, até como forma de exorcizar o trauma que fora perder uma copa dentro do próprio país.

Por isso, a Copa de 1958, na Suécia, tem valor estratégico para Nelson. E ele a acompanha, jogo a jogo, em suas colunas. Em “A Descoberta de Garrincha” (*Manchete Esportiva*, 21/6/1958) fala do célebre Brasil 2 x 0

União Soviética. Jogo emblemático, pois se temia o “futebol científico” da antiga URSS, considerado imbatível. “Amigos: a desintegração da defesa russa começou exatamente na primeira vez em que Garrincha tocou na bola. Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu. Como marcar o imarcável? Como apalpar o impalpável? Na sua indignação impotente, o adversário olhava Garrincha, as pernas tortas de Garrincha e concluía: – ‘isso não existe’”. À ciência aplicada ao esporte, ao método implacável atribuído ao selecionado soviético, o Brasil respondia, na figura do seu ponta-direita genial, com as forças da intuição, da magia, da invenção.

Em outro jogo, Brasil 1 x 0 País de Gales, o personagem é outro. Pelé, o garoto de 17 anos, que marca o gol da vitória em jogada genial. “Como esquecer que foi Pelé, um garoto de cor, dos seus 17 anos, quem nos arrancou, ontem, de nossa agonia e nossa morte?... E o bonito é que esse menino não se abala, nem se entrega. Possui a sanidade mental de um Garrincha. Ao contrário do brasileiro em geral, suscetível de se apavorar em face dos títulos do inimigo, ele não acredita em nada. Ninguém é melhor do que ele. Tivesse jogado contra a Inglaterra e creiam: – havia de driblar até a rainha Vitória” (*Manchete Esportiva*, 24/6/1958).

Por fim, a crônica que fala da vitória do Brasil sobre a Suécia, por 5 a 2, na partida final, não poderia ter outro título senão este: “O Triunfo do Homem”. Esse homem é Didi, considerado o melhor jogador da Copa e comandante da vitória sobre os donos da casa. “Quando o rei Gustavo da Suécia veio apertar-lhe a mão, eu imaginei ao ouvir no rádio a descrição da cena: – dois reis! Pois Didi, como sempre tenho dito aqui, lembra um rei ou príncipe etíope de rancho”.

Na crônica seguinte (*Manchete Esportiva*, 12/7/1958) o título triunfante: “É Chato Ser Brasileiro!”. Numa de suas hipérboles costumeiras, Nelson garante que o título mundial havia até curado um dos maiores males do país, o analfabetismo. “A partir do

momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com ‘x’ iam ler a vitória no jornal”. E, adiante: “Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças, na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana D’Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: – o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas”.

Houve cobertura semelhante por ocasião da Copa do Chile, na qual o Brasil conseguiu o bicampeonato. Cabe um registro da crônica comemorativa: “Eis a verdade: – a Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete e mais: – foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões” (*O Globo*, 18/6/1962).

Por risível que nos pareça nacionalismo tão exacerbado, ele tem o mérito de desvendar a visão de mundo de Nelson Rodrigues: através da vitória nesse campo simbólico específico, que é o do futebol, a nação inteira poderia se afirmar no concerto internacional. Tinha o futebol, em sua versão maior, a do escrete, esse poder regenerador, capaz de curar as mazelas ancestrais do complexo de inferioridade e abrir o caminho para um destino pressentido como gigantesco pelo cronista.

Esse pedestal em que o futebol é colocado não é bem uma idiossincrasia de Nelson Rodrigues. Através dos tempos, podemos comprovar a importância simbólica dos esportes, traço que aparece com maior nitidez em regimes autoritários. Assim, Benito Mussolini conclamava a Squadra Azzurra, na Copa de 1938, a “*Vincere o morire*” (“Vencer ou morrer”). Hitler atribuiu importância aos jogos olímpicos realizados na Alemanha em 1936, justamente quando foi humilhado pelo desempenho magnífico do negro Jesse Owens, na olimpíada que deveria ser a da consagração da superioridade ariana. A ins-

trumentalização militar da façanha da seleção pôde ser observada aqui mesmo, no Brasil, durante a ditadura. Em especial, ao longo da Copa de 1970, acompanhada com atenção pelo general Médici, torcedor do Grêmio e da seleção. Sua imagem, com o radinho de pilha colado ao ouvido, foi espertamente divulgada pela assessoria de comunicação como forma de mostrar a ligação do bom general com as preferências populares. Enquanto isso, a tortura grassava nos porões do regime.

Mas a verdade é que, mesmo nos governos democráticos, jamais uma seleção brasileira vitoriosa deixou de ser recebida pelo ocupante da Presidência da República. Já que o futebol é visto como fator de aglutinação nacional, convém cortejá-lo em suas horas melhores. Assim, em 2002, alguém que jamais bateu um escanteio, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, recebeu no Planalto a equipe vitoriosa na Coreia e no Japão e teve de rir (amarelo) diante das cambalhotas que o volante Vampeta resolveu dar na rampa do palácio.

Nelson, apesar do otimismo incurável, reconhecia que as conquistas contra o complexo de inferioridade eram provisórias, e teriam de ser renovadas em vitórias sucessivas. Caso contrário, sempre haveria o perigo de uma recaída. Foi assim em 1966, na copa perdida na Inglaterra, quando o Brasil já era bicampeão. Às crônicas ufanistas nas vitórias, seguiu-se o luto fechado na derrota. Antes, na vitória sobre a Bulgária, Nelson afirmara que “até o espectro diáfano de Maria Stuart” assistira ao magnífico desempenho de Pelé. Mas, depois da desclassificação diante de Portugal, veio a crônica intitulada “A Vergonha”. “Amigos, eis 80 milhões de brasileiros numa humilhação feroz. Eu diria que a vergonha de 50 foi mais amena, mais cordial. Naquela ocasião, não tínhamos o bicampeonato. Ainda não se instalara em nosso futebol o mito Pelé. Ah, o brasileiro de 50 era um humilde de babar na gravata. Quando passava a carrocinha de cachorro, cada um de nós tinha medo de ser laçado também”.

Para sorte de Nelson (e nossa também) ele pôde assistir a mais uma conquista, talvez a mais bela e definitiva, a da Copa do

México, em 1970. Na crônica que se seguiu à vitória de 4 a 1 sobre a Itália, e que significou a posse definitiva da Taça Jules Rimet, escreveu: “Amigos, foi a mais bela vitória do futebol em todos os tempos... Desde o Paraíso jamais houve um futebol como o nosso”. E, na frase final: “Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos 90 milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo”.

Maravilhoso. Mas toda conquista, por mais épica, é provisória porque existe uma labilidade essencial no temperamento brasileiro. Ora ele é o melhor do mundo, ora não vale nada. Há algo de datado em alguns desses textos, mas de profundamente enraizado na cultura da época, em especial na busca essencialista do caráter nacional. Remontam, de forma alusiva e talvez mesmo inconsciente, às tentativas de interpretação do homem brasileiro presentes no pensamento sociológico dos anos 1930 e origem de clássicos como *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. No campo específico do futebol, Freyre escreveu um célebre prefácio a *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues. Há esse parágrafo clássico, nesse livro, igualmente clássico, que teve sua primeira edição em 1947:

“O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto *álvido* como Domingos (da Guia), admirável no seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Mário Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um apolíneo entre dionisíacos.

O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa de concentradamente brasileiro no jogo de Domingos como existe alguma coisa de concentradamente brasileiro na literatura de Machado” (Freyre, 2003, p. 25).

Há, então, em Nelson, o desejo de encontrar a essência nacional em nosso esporte mais popular que, segundo ele, seria praticado no Brasil da forma mais original e, evidentemente, mais bela e criativa. Mas é também uma, digamos assim, essência idealizada e que, por milagre, poderia operar a generalização do estilo praticado em campo para o modo de ser de toda uma nação. Como se, através do futebol, o homem brasileiro pudesse encontrar-se consigo mesmo. Com o melhor de si. O futebol é quase um projeto civilizatório, embora nunca se apresente como inteiriço, ou ingênuo, como se poderia pensar.

Se, como vimos, o complexo de vira-latas recua ou mesmo desaparece nas vitórias, e ressurge como espectro nas derrotas, nem mesmo essa outra idealização, que é o povo brasileiro, aparece como um todo homogêneo. Talvez apenas o “escrete” possa unir, e ainda assim por tempo determinado, pessoas tão extravagantemente diversas. Todos os tipos, ou protótipos, criados por Nelson, talvez pudessem se juntar num fugaz momento de glória da seleção. Da estudante de psicologia da PUC à grã-fina de narinas de cadáver. Da freira de passeata ao amigo imaginário de Nelson, que só toma vinhos estrangeiros. Todos, nessa contrição devida ao escrete, se tornam, ainda que fugazmente, brasileiros “da cabeça aos sapatos”. Até mesmo a grã-fina das narinas de cadáver, aquela que, ao chegar ao estádio, pergunta quem é a bola, até ela se entrega ao encanto de um gol de Jairzinho: “E a alma da rua voou pelos ares. Eu via a grã-fina das narinas de cadáver cair de joelhos, no meio da rua, e estrebuchar como uma víbora agonizante”.

Entre as copas, seu laboratório privilegiado para a psicologia do brasileiro e as questões de identidade nacional, Nelson Rodrigues se ocupava dos clubes. Em especial do Campeonato Carioca e seus clubes, e do seu

amado Fluminense. Ocasionalmente, Nelson falava de outros clubes do Brasil, em especial do Santos Futebol Clube, o time da moda no início dos anos 60. Chegou a dedicar-lhe uma crônica intitulada “O Mais Carioca dos Times”. Nela, sustentava que apenas a fatalidade fizera a equipe de Pelé nascer na Vila Belmiro. Seu lugar seria o Rio e, seu hábitat, o Maracanã. Numa época em que o time da Vila andara perdendo de todo mundo, Nelson soltara o diagnóstico: era excesso de viagens. O time desambientara-se do Brasil e perdera seu elã. Recomendava-lhe como terapia uma temporada jogando no Rio. Exclusivamente no Maracanã.

Nelson dedica ainda uma crônica maravilhosa a Pelé, que se tornaria, depois da conquista da seleção em 1958, um personagem nacional (e mundial) e *habitué* de seus textos (o do milésimo gol é de antologia). Chamava-o de “o divino crioulo”, epíteto que hoje talvez não fosse possível. “A Realeza de Pelé” (*Manchete Esportiva*, 8/3/1958) foi escrita quando o jogador era apenas uma jovem promessa. Nelson já lhe adivinha o destino. Dizia que a realeza do garoto era, antes de tudo, um “estado de alma”. “Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram – ‘quem é o maior meia do mundo’. Ele responde, com a ênfase das certezas eternas: – ‘Eu’. Insistiram: – ‘Qual é o maior ponta do mundo?’. E Pelé: – ‘Eu’.” Essa autoconfiança, de um rei ainda nos cueiros, não deixava de impressionar o cronista para quem a falta dessa qualidade seria o principal fator inibitório do brasileiro.

Nelson louvava os craques como Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Castilho, Almir Pernambuquinho, técnicos como Yustrich e João Saldanha, e até dirigentes, como Carlito Rocha, do Botafogo. Vários deles foram “personagens da semana”, mote de sua coluna durante anos. Nelson via o futebol em seus protagonistas e, nos clubes, a encarnação do amor, da paixão pela camisa, este que é ponto

forte da torcida. O objeto maior, claro, era o seu Fluminense: “O Fluminense nasceu com a vocação da eternidade. Tudo pode passar, só o Tricolor não passará, jamais”. E tratava do seu grande rival, o Flamengo, em termos complementares: “Há um parentesco óbvio entre o Flu e o Fla. E como este se gerou no ressentimento, eu disse que os dois são os irmãos Karamazov do futebol brasileiro”.

Criava personagens para explicar os acausos e sua influência no desfecho dos jogos. O Sobrenatural de Almeida era expressão desse impalpável, que derrota os analistas de táticas e estratégias. Tudo pode ir água abaixo num erro crasso de zagueiro, ou no morrinho artilheiro que engana o goleiro. O contrário era o Gravatinha, que salvava o Fluminense das situações mais dramáticas e inverossímeis. O homem de teatro criava assim uma dramaturgia do jogo, em que, além dos personagens principais e secundários reais (jogadores, juízes, torcidas), havia esses fantasmas que erram pelos estádios e transformam partidas previsíveis em desfechos improváveis.

Existe um trecho de crônica que, ao meu ver, define de modo sucinto a maneira como Nelson via o futebol. Chama-se “O Divino Delinquente” e é dedicada a Almir Pernambuquinho, que substituiu Pelé, contundido, na partida Santos 1 x 0 Milan, no Maracanã, que valeu ao time da Vila Belmiro o bicampeonato mundial de clubes. Em sua nota de rodapé explicativa, Ruy Castro, organizador das crônicas de Nelson Rodrigues (1993), esclarece: “Almir acertou Amarildo no primeiro minuto de jogo, tirou de campo o goleiro Balzarini e cavou o pênalti, cobrado por Dalmo, que tornaria o Santos bicampeão mundial de clubes”. Na crônica, Nelson filosofa sobre a violência em campo (“Como vamos exigir, de um jogo de futebol, a cerimônia, a polidez, a correção de uma sessão da Câmara dos Comuns?”).

Mas o melhor vem depois: “Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: – a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragé-

dia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime na vitória do Santos é que atrás dela há o homem brasileiro, com o seu peito largo, lustroso, homérico” (*O Globo*, 19/11/1963).

Como nota Marcelino Rodrigues da Silva (1998) em *O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues*,

“Esse trecho é uma alusão à teoria clássica do drama, estabelecida por Aristóteles na *Poética*, segundo a qual a tragédia tem por fim suscitar o ‘terror’ e a ‘piedade’, levando à purificação dessas emoções pela catarse. Através dessa relação com o drama, Nelson projeta no futebol uma dimensão de representação: o futebol é um teatro no qual se encena o destino trágico ou épico do homem; as ações dos atores da cena futebolística valem pelas ações de outros agentes; a vitória do Santos vale pela vitória do homem brasileiro”.

Vendo o futebol no plano da dramaturgia clássica, não admira que o estilo de Nelson seja virtualmente inimitável. Ele mobiliza recursos linguísticos adequados a colocar o jogo num patamar mítico, como se as disputas fossem decididas não num prosaico estádio de futebol, mas numa antiga arena grega. O Maracanã seria o suprasumo desses teatros, o templo sagrado no qual se encenam a tragédia, a redenção e a catarse das massas. Se existe um templo da pátria, esse é o Maracanã, cujo nome oficial, aliás, homenageia Mário Filho, irmão de Nelson.

Com esses textos, escritos no dia a dia dos jornais, Nelson contribuiu, decisivamente, para a criação de uma mística, a do futebol brasileiro como melhor do mundo, o mais bonito, aquele jogado da maneira a mais artística, com suas gingas, suas fintas, suas jogadas de efeito, hibridadas na herança afro-brasileira da capoeira e do samba, de acordo com Gilberto Freyre, e que pudera “arredondar” o jogo quadrado e cheio de arestas dos ingleses. Aquele futebol que, livre de suas inibições mentais, seria virtualmente imbatível.

Provavelmente, foi decisivo para o estabelecimento dessa épica o período em que o cronista escreveu. Nelson, que viveu entre

1912 e 1980, escreveu sobre futebol praticamente durante toda a vida adulta. Em *O Profeta Tricolor* (Rodrigues, 2002), a primeira crônica data de 1929. A última, de dezembro de 1980, com Nelson praticamente à morte, ditando a coluna para que seu filho, Nelsinho, batesse à máquina. Era uma crônica sobre o Fluminense campeão e saiu em *O Globo*, 2/12/1980. Nelson morreu no dia 21 do mesmo mês.

Mas essa longa trajetória em convívio com o futebol não nos deve fazer esquecer que o Nelson cronista teve a sorte de pegar a época de ouro desse esporte entre nós. Desde a Copa de 1938, com as atuações de Leônidas da Silva e Domingos da Guia, já se tinha a impressão de que no Brasil se praticava o melhor futebol do mundo. Faltava-lhe o título máximo, o batismo internacional de uma Copa do Mundo, torneio que começara em 1930. Em 1950, o Brasil organiza a Copa em casa e prepara-se para vencê-la. Mas há a tragédia da derrota para o Uruguai, no Maracanã, com todas as suas ressonâncias míticas. Essa derrota é como uma morte, e a morte pode ser um ato fundador e um reinício. A partir dela, nasce o moderno futebol brasileiro, e Nelson o acompanha com atenção e paixão, vendo no jogo a expressão ambígua da alma nacional.

Tem o privilégio de ver o nascimento da dupla Pelé e Garrincha e a conquista do título em 1958, na Suécia. Seria o início de uma longa hegemonia brasileira (interrompida em 1966 por desmandos de administração) e que culminaria na conquista do tri, no México, ápice da carreira de Pelé, que havia começado lá atrás, na primeira vitória. Esse é o ouro em pó de que Nelson dispõe para trabalhar, que vinha desde os fiascos históricos em 1950 e 1954, até a redenção em 1958 e a consolidação do mito, nos anos seguintes. “O melhor futebol do mundo”, dogma que até há pouco nos alimentava e ao qual temos tanta dificuldade em renunciar. Nelson é bastante responsável por isso. Foi ele, diretamente ou por vias transversas, quem nos incutiu essa fé inexpugnável no futebol-arte, na invencibilidade potencial dos nossos craques. Com essa convicção, como vimos, Nelson inaugurou

também essa modalidade de reflexão sobre o homem brasileiro, a partir do futebol. Foi uma sacada genial, diga-se o que se quiser. Sem jamais ter escrito um texto teórico sobre o assunto, Nelson criou algo que se pode chamar de um sistema, uma forma de pensamento sobre o caráter nacional, do qual o futebol seria a forma expressiva por excelência. É sobre ele que lemos nesta reflexão *in progress* através das colunas jornalísticas.

O que fica de Nelson cronista, qual o seu legado duradouro? Um deles salta à vista: ter sido o grande narrador da época de ouro do futebol brasileiro. Por isso, seu amigo e seguidor, Armando Nogueira, o chamava de “Homero do futebol brasileiro”. O grande narrador épico. Quando pensamos nele, como cronista, dificilmente poderíamos pensar em tempos melhores para sua atuação na imprensa. Muito primitivo em certos aspectos, o Brasil ainda era um país no qual, numa coluna de futebol, se podia citar Shakespeare, Cervantes, Dostoiévski, sem qualquer pudor. Nenhum diretor de redação viria repreendê-lo por falar em autores desconhecidos para a imensa maioria dos amantes do esporte. Não se subestimava o leitor, naquela época.

A pergunta que não quer calar: o que seria desse columnismo hoje, nesse mundo desencantado do futebol negócio, dos homens robotizados pelo turbo capitalismo e na imprensa voltada para o culto às celebridades? O que Nelson diria de um “escrete”, da pátria de chuteiras, formado inteiramente

por jogadores de clubes europeus? Como mobilizaria seus dotes hiperbólicos para comentar essa situação kafkiana? E o que diria do *marketing* esportivo, dos clubes organizados segundo normas de gestão corporativa, do profissionalismo argentário dos atletas, dos fundos de investimento que fazem “parceiras” draconianas com os clubes, dos agentes, dos *managers*, dessa turma toda que lucra com o jogo e que poderia, como a grã-fina de narinas de cadáver, perguntar perfeitamente “quem é a bola?” O que diria Nelson de tudo isso? Naufragaria no desencanto como muitos dos nossos melhores escribas de hoje ou tiraria de sua verve inesgotável forças para ir além desse mundo contábil e reencontrar-se com o jogo?

Porque, no fundo, esse é o desafio de todos nós, que escrevemos sobre futebol. Como, em meio a tantos interesses que cercam o jogo, reencontrá-lo em sua plenitude expressiva? É Nelson quem nos indica o caminho. Foi ele a nos lembrar que “a mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana”. No mais humilde jogo, estão presentes, em potência, os elementos dramáticos para tirá-lo do plano referencial e elegê-lo a mito. É preciso remover o que vem à frente do jogo, o encobre e oculta, e reencontrá-lo em seus fundamentos.

Nelson Rodrigues, acusado às vezes de não ver direito partidas porque era míope e não usava óculos, enxergou como ninguém o futebol em sua essência mais profunda.



BIBLIOGRAFIA



- FREYRE, Gilberto. “Prefácio”, in Mário Filho. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.
- RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. Org. de Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- _____. *O Profeta Tricolor*. Org. de Nelson Rodrigues Filho. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte, 1998.

livros